

**20.05.21**  
→ 22h00

T

A

G

V

TAGV – SALA ZOOM

# **declAMAR Poesia** **(online)**

**NOVÍSSIMAS (As Poetas dos Nossos Dias)**



O coletivo declAMAR Poesia é composto por cinco elementos (Vanda Ecm, Olga Coval, Catarina Matos, Lurdes Telmo e Rui Amado) que têm em comum o gosto pela poesia e decidiram começar a fazer leituras partilhadas, num ambiente intimista, criando assim um espaço informal de encontro com pessoas de gostos afins.

De regularidade tendencialmente mensal, sempre à 5ª feira, pelas 22h00 (a pontualidade é uma característica do evento), o declAMAR Poesia foi criando lentamente um público que é tão fiel quanto variado e variável. Combinou já a poesia com a música alargando assim o espetro inicial sem o desvirtuar e, em tempos de confinamento, reinventou-se organizando em parceria com o TAGV uma sessão online.

Tendo corrido bem vai repetir-se novamente em maio. A estrutura do evento mantém-se: o coletivo escolheu como tema NOVÍSSIMAS (As Poetas dos Nossos Dias), vai fazer uma seleção de poemas e partilhar a sua leitura com o público. Finda essa ronda inicial, haverá como habitualmente um período de microfone aberto para quem queira vencer a inércia da timidez e ler poemas próprios ou alheios. O desafio é sempre lançado nos mesmos termos: "Não tenham medo, o microfone não morde".

**Curadoria e leitura dirigida pelo coletivo** declAMAR Poesia Catarina Matos, Lurdes Telmo, Olga Coval, Rui Amado e Vanda Ecm **Coordenação** Luísa Lopes, Marisa Santos

**Local** TAGV – Sala Zoom **Duração aprox.** 1h00 (leitura dos poemas seleccionados) + microfone aberto  
**Acesso livre**

**VANDA ECM**

## A IMPORTÂNCIA DO PEQUENO ALMOÇO (Francisca Camelo)

qualquer mulher sabe que é preciso manter as tropas: passar a ferro as fardas  
parir herdeiros esfregar o chão de joelhos o sarro sai melhor quem mais poderá  
explicar às crianças a ausência do soldado do empregado fabril do político  
fervoroso que põe o pão na mesa [1]  
se o sexo é político, imagina as lides da casa lavar à mão as manchas de vinho  
sêmen  
sangue  
fazer a cama quando vazia  
reunir no prato os nutrientes necessários  
para a capitalização do pai adúltero  
depois de fazer o pequeno-almoço  
as mulheres-âncora atracadas à enseada  
assistem em silêncio à partida das armadas de dom João, o primeiro  
o anterior  
o pai deste  
para que agora - isto não é novo -  
pelo menos quinze mil machos sigam audazes.  
a ideia é a de sempre: queimar florestas  
rapinar minas  
estuprar indígenas  
baptizar terras que já tinham nome  
reproduzir hospícios  
e quartos forrados a papel de parede amarelo  
enterrar a semente  
bem funda no colo do útero  
e aos poucos gerar novos  
e delicados manequins de mãos calejadas  
deixar que a geração anterior ensine a seguinte  
a fazer o café  
(atenção. não se faz café de qualquer maneira,  
é preciso formar uma pirâmide de pó,  
não deixar que a água toque no funil,  
não ligar de imediato na temperatura máxima,  
dar-lhe o tempo certo de ebulição,  
mas continuando,)  
vertê-lo quente na chávena de manhã  
sementar esse pão vaporoso na mesa milagrosamente limpa  
colher fruta fresca  
valorizar a louça lavada  
não regressar nunca à Sodoma abandonada  
porque nessa o café já esfriou  
quem faz o pequeno-almoço  
sabe de tudo isto  
retorna a casa só  
e as mãos sempre invisíveis  
costuram dores como contas de rosário nos dentes  
e figos abertos no lugar dos lábios  
só quem come o pequeno-almoço  
tem a boca demasiado cheia  
para perceber o fundamental:  
é que sem elas o mundo não chegaria sequer ao meio dia.

1 (“pôr o pão na mesa” é:

- a) produzi-lo de raiz, a partir da massa mãe (a massa mãe leva entre 5 a 7 dias a desenvolver-se com água engarrafada a 27-28 graus e outros ingredientes que encontram no google);
- b) poder comprá-lo e depositá-lo num cesto em cima da mesa;
- c) uma frase utilizada para iniciar a sondagem que descobrirá finalmente “quantos pequenos-almoços preparou o teu pai enquanto crescias?”)

## **OLGA COVAL**

### LIÇÃO PARA MENINAS ESPARTILHADAS (Beatriz Hierrero Lopes)

Não gosto de bailarinas. Nem de actrizes. Nem de dísticos poéticos de orelhas furadas, pálpebras escuras e lábios injectados a vermelho em saltos altos; não gosto de decotes que imitam o ar marítimo, salvando da deriva os olhares nocturnos de rapazes mais pequenos do que redondilhas. daquelas que usam das frases, das palavras, duplicando-lhes o(s) sentido(s), abusando tipograficamente desse movimento literário de abre pernas que termina tão rapidamente como qualquer ideia por elas sugerida. Não gosto da Alice, nem dessa ideia já tão coçada da menina delirante que segue os desconhecidos até à toca: tenham ou não pêlo branco e relógio na mão.

Não gosto de ouvir versos quase silenciosos em bocas pintadas, ditos com a teatralidade mais empoeirada dos bordéis que, sem os ter conhecido, sei que existiram por existir em mim a memória genética de alguns homens que os frequentaram. E não é que não goste de bordéis, de saias curtas, de homens devotos às teorias neurasténicas do Egas Moniz a respeito da vida privada; mas o que é feito dos bordéis à moda antiga, das meninas mal comportadas, dos homens que as frequentavam, quando só se insinua uma ideia de desejo entre parêntesis que, à falta de escrita, assume a aparência de olhares indecorosos e de versos quase silenciosos? Não gosto de mulheres, de raparigas Alice, que poetizam o espectro libertino de um desejo em dísticos líricos que seguem todos os princípios da passerelle na medida da anorexia das mãos.

E é verdade, se me disseres que não gosto de mulheres sugeridas, como não gosto de redondilhas, de rimas encadeadas, nem de prosa de coluna partida que se passe por poema. Pois é verdade que há falta de mulheres de quem eu saiba gostar, e aquelas de quem gosto não manuseiam vírgulas, quebram versos, andam de pontas ou suam em público.

Nenhuma se chama Alice.

## **CATARINA MATOS**

### DÁ A NOTÍCIA AOS ESCARAVELHOS (Rosa Oliveira)

*“É tarde já, mas nós queremos estar nus e à beira da navalha.” Paul Celan*

o facto de a poesia fazer mal e indispor o mundo contra os poetas e que é um facto que vem de longe

o facto de haver milhares de quilómetros, anos luz de obstáculos entre seres que poderão vir a amar-se

o facto de desde a nascença fugirmos do homem que controla o martelo e a bigorna onde a nossa cabeça

mais cedo ou mais tarde vai repousar  
o facto de avançarmos até à ravina mais próxima para espreitar o fundo tentando  
vislumbrar  
os dentes partidos em plena euforia da infância  
o facto de os nossos mais enérgicos verdugos acabarem por envelhecer talvez não  
a tempo  
de nos salvarmos de nós  
o facto de estendermos a língua sob o céu estrelado para prolongar a sinfonia  
vetusta que devorámos  
sem fome e sem sangue  
o facto de caminharmos descalços sobre as lajes abstractas do passado concreto  
o facto de os olhares que trocamos serem uma fenda de onde espreitam tardes  
entediantes  
noites mal passadas e anos de chumbo  
o facto de a rainha náusea nos fazer crescer erva-inveja nas nossas garras mais  
íntimas  
o facto de o reduto do lobo ter um cerejal à volta e raparigas de gestos soltos  
caminharem incautas  
o facto de a corda do enforcado ter um comprimento sem fim à vista  
o facto de a dor ser uma taça onde repousa o coração negro  
o facto de a lucidez e o pudor se esconderem no fundo da oficina enquanto o  
aparato crítico  
dá um ar da sua graça em dias de festa  
o facto de o humanismo cerrado nos deixar as frases inacabadas e nós  
avançarmos  
em carne viva pela nudez da posteridade  
o facto de sentirmos constrangimento, suspeita ou raiva, enfim, as mortificações  
que a poesia acarreta  
o facto de percebermos tarde o que qualquer calceteiro de Cesário já sabia: que  
não existe  
essa coisa da poesia autêntica  
o facto de um poeta na sala ser um embaraço obstinado como a agulha perdida  
no sofá  
o facto de tentarmos a todo o custo sermos dignos da pedra dentro de nós  
fará de nós poetas em marcha para o hino?

## **LURDES TELMO**

SEMPRE FUI MIÚDA DE SONHOS DESCABIDOS (Cláudia R. Sampaio)

sempre fui miúda de sonhos descabidos  
miúda grotescamente poética,  
chata de coisas que chateiam  
de pernas fininhas que depois engrossaram

as miúdas poéticas são bobinas de filme, riscadas  
são gaitas desafinadas  
onde muitos passaram os lábios  
mas não ficaram  
as miúdas poéticas contemplam o suicídio  
mesmo depois de uma taça de Corn Flakes  
olham os telhados laranja de Lisboa  
e pensam noutra sítio qualquer  
semeiam flores para terem perfumes  
matam-nas, por amá-las de mais

as miúdas poéticas têm cabelos desmoronados  
de beatas e perguntas<  
têm a roupa de detergente barato  
e as unhas roídas à la carte  
tossem devagarinho com medo de  
agredir alguém  
têm pose de girafa mas não chegam às árvores

## **RUI AMADO**

queria chegar às árvores para comer folhinhas  
acabadas de nascer  
coçar-me com ternura  
ver as pessoas pequeninas  
agitar os ramos e saltar para cima de alguém

ficar às cavalitas e abençoar a Boaventura  
as cavalitas são um sítio perigoso  
porque achamos que somos maiores  
mas não somos  
olhamos os cucuruto de quem nos leva  
e percebemos que é frágil como os ramos  
de inverno

olha a mulher lá em baixo à espera do mundo  
a mulher arqueada, a mulher criança  
a mulher sem garganta a mulher sem filhos  
a mulher que é um homem de vez  
em quando a mulher toda

olha lá em baixo todas as perguntas que  
nunca vamos descansar, meu amor,  
meu guia de ilha tropical  
que nunca aspiraremos como a noite dos  
cigarros circunflexos, a noite velha  
a noite fixa  
e tudo gira em nosso torno como um bando  
de pássaros curvos, derradeiros  
ah, tão livres  
tão impuros  
mas é melhor descermos  
é melhor remarmos em ânsia contra  
o cimento, a casa fria  
porque eu admiro os pássaros  
mas não os venero  
a veneração torna-os impróprios  
paralisa sempre o bico.

**II**

## **VANDA ECM**

A DIVISÃO DO FRANGO (Filipa Leal)

## **OLGA COVAL**

EUROPA, SEGUNDA CARTA (Filipa Leal)

## **CATARINA MATOS**

SEROTONINA (Cláudia R. Sampaio)

Deveríamos escolher ir para a esquerda  
ou para a direita  
é que sempre em frente, desalinhados  
não chegaremos nem mais um passo  
os teus pés nunca me acompanham  
dizes tudo como nada, nada importa  
eu sempre mais atrás.

Agora há horas a mais e as portas  
batem-me na cara  
andamos em redemoinho, uma centrifugação  
de comida estragada  
azedámo-nos  
já não nos fazemos a digestão, andas  
aqui para cima e para baixo como os  
pimentos  
não entras nem sais, não me dás  
casa  
vivo na rua desde que me puxas os lençóis  
mudamos de abrigo e aposto  
que chegas lá primeiro  
eu fico sempre para trás  
a ver o que perdemos.

Vou, mas fico  
a autocomiseração é mais indigesta  
que os teus passos à frente  
e eu também preciso de me alinhar  
bater continência à vida e alargar a boca  
para os lados, coisa que não  
me tem acontecido.

Tenho tudo pronto.

Andei a varrer os restinhos de serotonina  
que nem me encham um saco  
vieram misturados com cabelos e  
pequenas farpas de madeira das  
portas que batem, mas espero que chegue  
deixo-te à entrada os meus sapatos  
que nunca estão ao teu lado na rua,  
sempre um metro mais atrás, como  
a distância da minha vida à tua

vou descalça

## **LURDES TELMO**

VERÃO NO MONDEGO (Júlia Zuza)

um golpe de chuva  
molha a cidade  
a água desce  
como um cavalo  
sem rédeas  
leva indiscriminadamente  
as palavras trocadas nas casas  
o grito bêbado dos estudantes  
a reza das tantas igrejas  
o ruído dos melros

fica só o barulho da chuva  
e um esquecimento  
de dias passados  
a água entra  
pelos muros  
lava os primeiros encontros  
do casal de namorados  
e o cheiro  
de figos maduros  
no verão

a chuva por fim  
cai  
sobre antigas fotografias  
e borra  
os detalhes de um final de semana  
de maneira lenta  
as cores dos rochedos  
vão-se tornando  
uma mancha única  
e as pessoas ficam  
sem nenhuma feição clara  
a foto depois de seca  
ficou amarrotada  
mas parece  
que finalmente agora  
a fotografia conseguiu guardar  
de maneira intacta  
a sensação de estar  
muito tempo na água  
a ponto de sair  
com os dedos  
enrugados do rio.

## **RUI AMADO**

A MULHER (Maria Sousa)

a mulher  
organiza as sombras para evitar o escuro  
na pele sente o medo.  
é prudente na batalha com as perguntas



que pousam no dia  
sorriso  
quando o som do telefone invade a sombra  
nenhuma palavra lhe sai da voz  
deverá falar como se fossem outras coisas a  
respirar em vez do grito?

à janela, o vento e o sol, limpam-lhe as vozes  
sobrepostas a dizer aquilo que a voz não diz.  
mas não hoje

disse que não seria capaz de mudar  
perdida no quarto, pequenino, onde utiliza os hábitos  
como movimentos grosseiros  
nenhuma palavra ali tem asas

fica apenas o silêncio onde a mulher fecha  
as persianas e depois as cortinas  
sem explicar o sentido do grito

### III

#### **VANDA ECM**

UNIÃO E UNIDADE (Susana Araújo)

#### **OLGA COVAL**

UMA VEZ QUISERAM-ME LOUCA (Cláudia R. Sampaio)

Uma vez quiseram-me louca, a arder  
e eu ardi com a discricção de  
um fogo posto  
porque a cura vai na mesma direcção  
que a nossa febre

Ateei-me como um relâmpago inesperado  
à luz do dia  
Eu parecia uma basílica em chamas  
de altar por estrear, a arder sozinha

Sempre me recusei a arder como os outros

Ardam-se mais à esquerda ou mais à direita  
mais a vento de sul ou de norte,  
mas labaredem-se, sejam fogos que ardem!

Porque pior que a desdita loucura  
é toda a gente andar em brasa  
mas ninguém chegar a incêndio

E no fim são todos cinza

## **CATARINA MATOS**

O MEU AMOR NÃO CABE NUM POEMA — HÁ COISAS ASSIM  
(Maria do Rosário Pedreira)

O meu amor não cabe num poema — há coisas assim,  
que não se rendem à geometria deste mundo;  
são como corpos desconstruídos da sua arquitectura  
ou quartos que os gestos não preenchem.

O meu amor é maior que as palavras; e daí inútil  
a agitação dos dedos na intimidade do texto —  
a página não ilustra o zelo do farol que agasalha as baías  
nem a candura da mão que protege a chama que estremece.

O meu amor não se deixa dizer — é um formigueiro  
que acode aos lábios como a urgência de um beijo  
ou a matéria efervescente dos segredos; a combustão  
laboriosa que evoca, à flor da pele, vestígios  
de uma explosão exemplar: a cratera que um corpo,  
ao levantar-se, deixa para sempre na vizinhança de outro corpo.

O meu amor anda por dentro do silêncio a formular loucuras  
com a nudez do teu nome — é um fantasma que estrebucha  
no dédalo das veias e sangra quando o encerram em metáforas.  
Um verso que o vestisse definharia sob a roupa  
como o esqueleto de uma palavra morta. Nenhum poema  
podia ser o chão da sua casa

## **LURDES TELMO**

UMA MULHER MUITO INCLINADA PELA NOITE (Cláudia R. Sampaio)

Uma mulher muito inclinada pela noite  
trazia nos braços a respiração de um homem  
e a mãe deitada de olhos fixos na sujidade.

Uma mulher longa até ao fim do tempo  
carregando pessoas nos pulmões  
colunas altas de coroa animal  
Inspirá-las era o seu cancro fixo

E é sempre a mesma ideia  
que não passa  
a mulher anda sobre o fogo que grita,  
vivendo os minutos por largar

Alguém a beijou no corpo errado  
não há forma de acertar no tempo  
agora a noite corre na morada de outro nome  
e a mulher existe exclusivamente  
perdidamente vida fora  
o aborrecimento a seus pés

Tudo parece ser outra coisa  
uma ideia de amor desconstruído na memória  
uma parede aberta para o infinito

A mulher ia subindo pelo abismo  
com a vida arrumada contra as casas,  
árvores assustadas do seu osso  
À sua volta, os campos fingiam uma paragem  
e a mulher ia pousando  
com o susto da saudade

No lugar do corpo: uma flor  
Em vez de sentir: o vento  
Que a morte seja real  
com tudo isto escrito

## **RUI AMADO**

LIGASTE PELO MEU ANIVERSÁRIO (Gisela Casimiro)

Ligaste pelo meu aniversário.  
Partilho o dia com a tua mãe,  
vê como até nisso te facilitei a vida.  
Ligaste para dizer que ias mudar-te

Fizeste as contas ao tempo passado comigo,  
quase igual ao que passaste sozinho.  
Falaste das pessoas, das paredes, do café por baixo.  
Falaste das escolhas, do trabalho e da família  
que durante algum tempo foi minha.  
Falaste do bairro, da monotonia.

Lembrei-me do dia em que deixei  
as minhas chaves na cozinha  
por cima de uma lista,  
mas não o disse.  
O que procuras na minha voz  
Há muito se calou.

Pela primeira vez não saberei a tua morada.  
Não sei se a luz será a mesma,  
mas o vazio será certamente menor  
e talvez isso baste para seres feliz.  
Ainda será um primeiro andar.  
Ainda será perto da estação.  
Ainda terá os mesmos móveis.

Ainda será a cinco minutos do jardim.

Mas agora a tua mãe tem Alzheimer  
e talvez só na memória dela  
o nosso amor exista ainda

## **IV**

### **VANDA ECM**

UM INFERNO É UM INFERNO É UM INFERNO (Francisca Camelo)

hoje sonhei que tinha o corpo inteiro tatuado  
propositadamente para disfarçar as marcas feias

(marcas de quê?, perguntava-me, mesmo no sonho, marcas de quê?)  
depois de repente  
estava nua no meio de um corredor de supermercado  
um velho asqueroso tocou-me gritei,  
pedi para por favor parar  
ele não parou  
mas riu-se bastante “eu páro quando quiser”, respondeu  
as pessoas olharam mas não agiram  
tentava vestir-me mas o vestido estava rasgado e não entrava no meu corpo  
ou o meu corpo não entrava nele  
(eu continuava a perguntar-me porquê)  
pedia ajuda  
passaram três polícias  
jovens brancos bem parecidos  
ficaram a olhar de longe, mas em vez de se aproximarem  
comentaram de longe as minhas tatuagens  
elogiaram o corpo  
o mesmo corpo que eu segundos antes naquele sonho  
odiava de raiz, com todos os seus desenhos  
que serviam para disfarçar as cicatrizes  
(marcas de quê, afinal?, continuava a perguntar-me)  
eles examinavam-me sem se aproximarem e eu pensava: ACAB - all cops are  
bastards AMAB - all men are bastards ATAB - all tattoos are stupid  
a minha cabeça continuava a elaborar acrónimos intermináveis  
acordei cansada do silêncio  
nós cerramos os olhos mas vemos (às vezes somos a força policial de nós  
mesmas) dizemos desconhecer a origem deste nojo  
desta tristeza  
fazer de conta é mais fácil mas nós sabemos  
ele sabe tu sabes eu sei  
são quatro da tarde e ainda choro as notícias  
há gatilhos fodidos  
a humilhação de uma de nós serve na pele de todas  
brasileira portuguesa moçambicana inglesa chinesa nós somos uma  
uma é todas  
esta garganta apertada que não sabe se grita se se rasga  
há este nó que nunca se desfaz:  
a violência é uma violação  
o medo da violência é uma violação:  
ter medo por si só é já uma forma de estupro  
ACAB  
AMAB  
ATAS  
os acrónimos intermináveis do medo nas paredes da rua da minha cabeça  
(a mãe da mariana relatou ter encontrado a filha semi-desmaiada com um vestido  
que fedia a sémen,  
e a expressão que relatam as últimas seis palavras da frase anterior  
não me saía da cabeça nem enquanto dormia,  
talvez fosse esse o vestido que não entrava  
ou talvez eu não quisesse entrar nesse vestido:  
pelo menos nos sonhos temos o direito da recusa a vestir algo  
que fará de nós vítimas imediatas - e não falo do vestido: falo do macho,  
eu não quero (re)vestir mais machos  
eu quero que eles se acanhem na vergonha do medo que provocam  
eu quero reparação  
eu quero mais do que justiça  
eu quero caminhar à noite sozinha)

a violência a normalização da violência  
a normalização do silêncio  
se não ficares calada és uma puta uma louca e desfazem-te  
- em casa, trancada,  
ou no tribunal em frente às câmaras –  
mas se ficas calada: começa o relógio decrescente para a auto-destruição  
este sonho tem tantas interpretações  
as tatuagens como cicatrizes  
o querer cobrir-me e não poder  
querer protecção e não ter  
o desespero da nudez forçada no meio do supermercado  
as interpretações, sendo honesta nem são tantas assim:  
a violência  
é medo  
o medo  
é uma violação uma violação  
é um pesadelo  
o pesadelo é um supermercado  
e um supermercado é um inferno  
é um inferno é um inferno é um inferno é um inferno é um inferno é um inferno.

## **OLGA COVAL**

SORRIO AOS MORTOS E ENTERRO OS VIVOS (Raquel Nobre Guerra)

Sorriso aos mortos e enterro os vivos  
como um objecto escuro  
por que rodaram mãos e jeitos de luz.

Vivo como se não estivesse aqui  
roupa leve como na vida.  
E vou da primeira à última batida  
na respiração de um pulmão doido.

Lê assim

podia arder a uma pouca distância de ti  
nessa praceta que é um poema teu  
e as coisas voltariam a mim, meras,  
como o ser transportada pelos dias  
mas cairei por aqui.

Meu amor

Porta no trinco e nada nas mãos.  
Há muito que é tudo o que resta.

## **CATARINA MATOS**

NÃO VIM AQUI PARA TE DOMESTICAR (Filipa Leal)

Não vim aqui para te domesticar  
Vim para atravessar a ria a pé, para espetar os dedos  
Nos anzóis. Vim para aceitar o medo da noite e dos gatos  
para que me perdoassem de repente trinta e tal anos  
de unhas perfeitamente limpas.

Vou tirar as meias. Vou tirar da sala o sofá e a televisão  
e do meu corpo, o algodão que me protege do lixo.  
Vou procurar árvores de frutos e comê-las.

Vi seres bicho selvagem e juro que não vim aqui  
para te domesticar. Vim talvez para dormir melhor  
apesar de ter dado a cama aos sopradores de folhas  
do parque da cidade por não saber onde ficam  
as florestas. Por não saber se ainda há florestas.  
Por ter enjoado sempre nas curvas da Serra da Agrela  
e no pinhal dos avós haver peles de cobra e  
pegadas de raposa que eu nunca encontrei.

Não vim para te domesticar nem para te escrever.  
Tens razão: é preciso crescer é preciso perder  
o destinatário. Mas na poesia é diferente.  
Não sei dizer porquê, é só diferente.

## **LURDES TELMO**

RESTART THE HEART (Tatiana Faia)

homens bêbados  
cantam na rua  
a primavera

um deus  
mais jovem  
escolheu o seu começo  
antes do tempo

enredou-se no empedrado dessa ruela  
imitava-lhe com as mãos  
num corte furtivo do ar  
as tranças dos cabelos

com os olhos perscrutava  
o quarto todo apagado  
a desordem das roupas fora das gavetas  
os objectos pelo chão e movidos os objectos  
as superfícies cobertas de pó  
uma ausência completamente habitada

com os olhos habituados ao escuro  
acrescenta agora  
não sabes quantas vezes  
te destruiu e recomeçou

agarrou-te pelos pulsos  
fechou-se sobre  
os seus próprios sinais  
magnético vingativo

ias girar sobre o centro  
lá fora só um agora podia  
cantar baixinho

o seu maior medo era calar-se

e foi essa a arma que escolheu  
no fim daquela  
tarde regressou  
ao quarto pobre  
e sujo com o senhorio  
maldoso e indiscreto

o gato escapuliu-se  
rasteiro pela porta  
e correte atrás dele  
pousando o cinzeiro

na estante da entrada

lembro-me sempre disto  
e recomeço  
e é só por isto que recomeço

## **RUI AMADO**

HAVERÁ QUEM TE QUEIRA ROER A LÍBIDO (Catarina Santiago Costa)

Haverá quem queira roer-te a líbido  
só porque o teu sexo tem a forma de um grão de café  
com molusco dentro. Mas tu  
mantém-te livre sempre.  
E o que é ser livre senão cultivar e colher  
aquilo que nos hidrata e nutre  
dos alicerces à água-furtada.

Há um homem no bairro que me olha com os dentes todos,  
um homem pequeno com um filho mais pequeno que ele  
por sua vez pouco maior que a minha pequena,  
um homem com um cão corpulento  
e uma dentição tão feroz como a dele.

Um dia esse homem vai agarrar-me  
seviciar-me, apostado que está em  
amestrar-me, tornar-me servil  
- é isso que temo e me diferencia  
da vizinhança masculina.

Está tudo bem, por ora:  
cheguei sã e salva a casa,  
a porta, o cofre-forte e o frigorífico estão intactos  
os iogurtes: frescos e dentro do prazo  
as plantas desabrocham  
as abelhas polinizam lá fora.  
Tudo está em ordem.

## **V**

### **VANDA ECM**

BOTÂNICA CASEIRA (Rosa Oliveira)

## **OLGA COVAL**

PRELÚDIO (Patrícia Baltazar)

Espero vir a conhecer o circuito das nuvens para calçar os passos da chuva e tocar as casas, os Homens. As árvores.

Sempre tive pressa de amar em tudo. De amar tudo. Tratar as feridas, lembrar-me de cicatrizes. Não olhar para trás quando o deserto está na frente. Amá-lo também.

Hei-de estar numa nave altíssima a ver tudo. Espero.

Espero também conhecer o Sol de perto para aquecer o sangue dos que estão tristes.

Hei-de soprar as folhas dos Plátanos, ternamente, muito devagar, para que as crianças lhes peguem e sejam felizes nesse instante. E sempre. Enviar boas sinas para as mãos delas.

Ver a vida da falácia imensa que existe depois. Chamar a paz.

Espero. Espero a luz chegar.

E espero não voltar.

## **CATARINA MATOS**

SE (Raquel Serejo Martins)

Se eu tivesse pontaria e tu tivesses asas.

Se eu soubesse semear e tu fosses semente.

Se eu uma ilha e tu continente.

Se eu cautelosa e tu imprudente.

Se eu fosse chuva e tu fosses chão.

Se eu fosse a casa e tu o botão.

Se eu Josefina e tu Napoleão.

Se eu a modéstia e tu a vaidade.

Se eu fosse trânsito e tu a cidade.

Se eu fosse um pomar e tu respigador.

Se eu fosse água e tu fosses vedor.

Se eu um peixe e tu pescador.

Se eu um funeral e tu uma festa.

Se eu uma giesta e tu uma floresta.

Se eu o devedor e tu o fiador.

Se eu fosse um farol e tu faroleiro.

Se eu fosse a solidão e tu a saudade.

Se eu escuridão e tu claridade.

Se eu uma maçã e se tu Adão.

Se eu a decepção e tu o perdão.

Se eu fosse a fome e tu a vontade.

Se eu soubesse esperar e tu fosses pontual.

Se eu soubesse amar e tu fosses amável.

## **LURDES TELMO**

FOI ENTÃO QUE ME PERGUNTARAM PARA QUE SERVE A POESIA  
(Raquel Nobre Guerra)

Foi então que me perguntaram para que serve a poesia.

Para atrair as traças. Não soube dizer.

Quiseram fazer-me o horóscopo:

*Gostava tanto de mexer na vida.*



E se não fosse uma poeta, perguntaram,  
seria o quê? Abri um livro ao calhas –  
atleta, estafeta, hospedeira, jogadora compulsiva  
de tudo o que me livra da contabilidade.

E um bom poema? Uma banana a apodrecer numa fruteira.  
E o que a comove? Uma banana a apodrecer numa fruteira.  
(Não se trata de metafísica de espécie nenhuma,  
as nódoas negras sempre me causaram uma fraqueza.)

Quiseram até saber da minha vontade  
o que ficaria escrito no meu epitáfio  
E do que mandaria a um político.

Mas agora o que penso, o que quero é largar o moribundo  
é o que o predador apaixonado pela caça deve querer.

Venham brincar comigo,  
para já, para já  
fica escrito.

## **RUI AMADO**

SE EU PUDESSE SER BAILARINA (Patrícia Baltasar)

Se eu pudesse ser uma bailarina gostava de encantar um campo de guerra.  
Saltitar leve por cima de explosões e atrocidades.  
Atentar os cães à beleza de que o corpo é capaz.  
Fazê-los olhar a paz durante um instante. Cessar-fogo pelo belo, e espantar  
Deter as armas. Deter o fogo.  
Encantar as crianças para lhes tirar o medo. Aportar-lhes vida brilhante aos olhos.

Mas Deus, como é só um ornitólogo e se distraiu com essa tarefa, deixou-me cair  
no chão enquanto eu voava dançando. Amputou-me. Só porque eu não sou um  
passarinho.

E eu agora já não posso iluminar as crianças nem os cães. Nem os homens da  
guerra; para esses, que não querem ser encantados, se eu pudesse ser uma  
bailarina, dançaria de granadas nos pés e armas nas mãos. Diluía-os.

Como não posso ser uma bailarina nem sou um passarinho, um dia, há-de ser a  
estrela grande a engolir os sapos gordos.

São as notas de ruído indicando o fim do mundo.

